

Bando escolástico - 1827

(Copiado na Revista de Guimarães, vol. 22, fl. 162.)

Que dias! socios meus! Vimaravenses!
O' patria! O' Lusos! que brilhantes dias,
O sol de Lysia em novo signo entrando
Novos astros reune, e a luz redoura;
Como scintilam! e que longas series
No, não deixam prever de bens, de gloria!
Que novo lustre! que proviz! que alento
Ao commercio fiel, á industria, ás artes,
Sua força vai dar seu claro influxo!
Que certa esperanza de Minerva aos filhos,
Que por arduos caminhos procurando
O bem da patria, o seu bem, seu premio,
Jamais receiam escurer o merito.
Juventude briosa, eis nosso estímulo!
Novos fóros, liberdades justas,
Jamais nos roubará mão arbitraria.
De jove a duplice, cerebrina prole,
Minerva, estrea, que nem sempre juntas
Se tem mostrados no moral concurso,
Desde hoje se verão para sempre unidas.
E não são estes de Saturno os dias?
E não volue a Portugal a idade d'ouro?
Oh! proficua estacão a todos grata!
Duradoura estacão, mas para nós outros
Que dia vai ruir entre estes dias!
Lá quando no horizonte as roseas portas
Se novo a Aurora abriz, mostrar ao mundo
O dia fausto do pastor de Viria,
No dia d'amanhã a nossa alegria,
Um doce entusiasmo e nobre bris,
Mostrará que sabemos por prudentes
Unir com sabias leis antigos usos.
"Tu bem sabes já, gordo Bandeira,
"E não queiras este anno ser marraatheiro,
"Respeita a propriedade, que é sagrada,
"E não des do jeor, que é velhaçada.
"Esses marcos, d'ouro não, mas tão perfeitos,
"Tão dignos de ser dados, ser aceites.
Que entre as bellas toucadas não irritem,
Mas a fagueiros sorrisos as encitem
Essas castanhas que sejam bem assadas,
Bem seccas, limpas e laurictortadas.
Pois somente por termol-as perdidas
É que Titiro usava das coridas.
Essas nozes chamar-te-hão pragas mortales
Se pedras as acharem os rapazes.
Os tremocos, se melados forem
Serão para te emplastarem e comporem.
Reduzida que seja a patria a bom dinheiro
Fica a patria para ti no teu celeiro.

Não come n'esse dia, é como tonta.
Reis teu regimen, pois para ti o povo
Vou formar também um que não é novo.
Não é das artes inimiga a sciencia,
Mas dar-lhe equal valor isso é demencia.
O sabio, o joven, que do sabio aprende,
Se as não pratica, suas leis entende.
Bem pode ser eximio o mestre d'arte,
Mas fica-lhe inferior ja nesta parte.
Tem nossa estima, sim, mas não rasão
Se ingerir-se quizer n'esta funcção;
Ella é só nossa e por direito antigo
Nos cunha então tratat-o d'inimigo.
Não ha hostilidades sanguinarias,
Mas temos para o curar receitas varias;
Suprapos, canelões, pebedellas,
E um buntio ainda mais fresco que em baldellas.
Não é de presumir queiram provar-as,
Porque se a isso chegar tráo-de mal-as;
Pois não queremos que a proteridade
Forme eguaes pretenções na infamidade.
O mais tudo ha de ser bom, tudo prompto.
Que dia para nós tão venturoso!
Depois que d'uma saiz o estudante
Não haya de recesso um só instante.
Ao som de sua voz, se não toquases,
Ou ao som d'alguacilla dos rapazes.
As mães, as filhas, as avas, as creadas,
Para as janellas corram apressadas.
Té as mermas cozinheiras d'alcateia
Deixem aos gatos a partida ceia.
Seja enfim geral tanta alegria,
Porque assim o pede o tempo, assim o dia.
Fim

Recitado por Sarmiento Junior

Copiado do livro d'apontamentos de Antonio
Lourenço d'Almeida Gouveia, Cartorario de
S. Dom., em 23 de maio de 1895 por J. J. d'O. Guimarães?